

COMER COM O OLHAR: SENTIDOS DE MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE

Gabriela Silva Domiciano

gabi.domi@hotmail.com

Faculdade de Artes Visuais - FAV/UFG

ISSN 2316-6479

Resumo

Neste trabalho, investigamos como alunos do curso técnico de Serviço de Alimentação do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás constroem significados para suas relações com a comida, situando a alimentação numa perspectiva cultural e artística. Guiamo-nos pela perspectiva da educação da cultura visual para compreender a mútua relação entre as imagens e os sujeitos que as olham. Percebemos a maneira pela qual os alimentos contribuem na construção e reinvenção da memória e, conseqüentemente, da subjetividade.

Palavras-chave: Alimentos. Cultura Visual. Memória. Subjetividade.

Abstract

In this work we investigated the way students from the Technical Course of Service for Alimentation, which integrates the National Program for Integration of Professional Education and Basic Education - Youth and Adult Education Modality, in the Federal Institute of Education, Science and Technology of Goiás, Brazil, construct meanings for theirs relations with food, discussing alimentation in a cultural and artistic view. We adopted the education of visual culture perspective to understand the mutual relation between practices and images of food/alimentation and the individuals who look at them. We realized how food contributes in the composition and reinvention of memory and subjectivity.

Keywords: Alimentation. Visual Culture. Memory. Subjectivity.

Introdução

Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás e tem como foco as atividades desenvolvidas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG, durante o ano de 2011. O trabalho de Conclusão de Curso serviu de base para o projeto de mestrado que, a partir de 2013, está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual.

Lecionamos para uma turma do último período do Curso Técnico em Serviço de Alimentação do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

tos – PROEJA. Segundo o site da instituição, o referido curso tem por objetivo oferecer o ensino médio juntamente com a formação profissional para a seleção, armazenamento, higienização, preparo, finalização de pratos e elaboração de cardápios. O curso tem duração de três anos e meio.

O nosso intuito foi investigar como alunos e alunas constroem significados para suas relações com a comida e os alimentos através de narrativas escritas, interação com imagens e criação de uma proposta prática coletiva. Como foco motivador do projeto propusemos a seguinte questão: como futuros profissionais da área de alimentação enxergam seu próprio objeto de trabalho – comida e alimentação – e que relações subjetivas estabelecem com ele. Assim, propusemos formas de interação entre alunos/as e alimentos, principalmente através de imagens, buscando compreender sentidos, significados e sentimentos que eles e elas constroem e manifestam.

A proposta também se pautou pela necessidade de refletir sobre uma série de fatores ligados à comida/alimentação e que dizem respeito à questões sensoriais, estéticas, sociais, históricas e econômicas. Entendemos que trabalhar com esta temática, especificamente com este grupo, foi uma maneira de atrair a atenção dos participantes para inter-relações que situam comida e alimentação numa perspectiva de conhecimento cultural, social e artístico.

Caminhos Metodológicos

Ao nos preocuparmos com a metodologia que nos nortearia, foi preciso pensar primeiro sobre o que seria estudado, pois “o objeto em estudo é o fator determinante para a escolha de um método e não o contrário” (FLICK, 2004, p. 21). No caso, o “objeto” se constituiu num processo educativo desenvolvido com alunos e alunas do último período do Curso Técnico em Serviço de Alimentação, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Especificamente, este processo integrou propostas de reflexão, discussão e fazer artístico que articularam imagens e textos tendo como foco aspectos das relações que construímos com os alimentos, as práticas de alimentação e as memórias desses eventos.

Seguimos, então, pelos caminhos da abordagem qualitativa e evitamos, tanto quanto possível, a afirmação da dicotomia sujeito (pesquisador) / objeto (outras pessoas que se inserem na pesquisa). Também evitamos entender os resultados que apresentamos sobre esta pesquisa como algo objetivo, ou seja, passível de quantificação.

De acordo com Denzin e Lincoln (apud TOURINHO & MARTINS, 2010) “a investigação qualitativa se tornou um termo guarda-chuva que compreende um amplo espectro de pontos de vista epistemológicos, estratégias de pesquisa

e técnicas específicas para compreender as pessoas em seus contextos naturais” (p. 73). Mas pode-se dizer que as diversas abordagens qualitativas tem em comum o fato de o pesquisador evidenciar a realidade como socialmente construída. Destaca-se, também, a maneira como a experiência social é criada e significada dando ênfase aos valores que permeiam a investigação, na relação entre quem pesquisa e o tema selecionado (DENZIN & LINCOLN, 2006).

Escolher, debaixo do grande guarda-chuva da pesquisa qualitativa, que metodologia utilizar, não foi tarefa fácil. Não foi possível definir os passos e procedimentos metodológicos antes da ida a campo, ou seja, desconhecendo o que poderia ser encontrado. A imaginação, neste sentido, foi uma forte aliada. Ela incita os pesquisadores a projetar situações e circunstâncias que possivelmente enfrentarão. A pesquisa qualitativa reforça esta capacidade do investigador para tomar sua experiência de vida como foco e ponto de referência para refletir sobre possibilidades de acontecimentos e circunstâncias que constituirão o trabalho de investigação. Dessa forma, a visão do pesquisador como um *bricoleur* ganhou destaque:

Como *bricoleur* ou confeccionador de colchas, o pesquisador qualitativo utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance (BECKER, 1998, p. 2). Havendo a necessidade de que novas ferramentas ou técnicas sejam inventadas ou reunidas, assim o pesquisador fará. As opções de práticas interpretativas a serem empregadas não são necessariamente definidas com antecedência. A “escolha das práticas da pesquisa depende das perguntas que são feitas, e as perguntas dependem de seu contexto (NELSON et al., 1992, p. 2), do que está disponível no contexto e do que o pesquisador pode fazer naquele cenário (DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 18).

Planejamos, inicialmente, o que faríamos e como faríamos. Porém tínhamos consciência que nossos planos eram roteiros que poderiam ser modificados de acordo com as circunstâncias, conforme instabilidades e imprevistos surgissem.

A pesquisa tomou como base os acontecimentos que emergiram durante o desenvolvimento das propostas que levamos para a turma de alunos mencionada. Utilizamos como registros das evidências analisadas, gravações em áudio, fotografias, textos escritos e imagens produzidos pelas alunas e alunos.

Por fim, produzimos um texto/narrativa onde expomos nossas interpretações do processo. Gostaríamos de frisar a palavra interpretação, pois, como diz uma antiga frase budista, não se deve confundir o dedo que aponta para lua com a própria lua (WATTS, 2009). Dito em outros termos, não se deve confundir palavras, imagens e demais representações com o mundo em si (PEREIRA, 2008). Neste sentido vale ressaltar que este trabalho é somente uma visão entre tantas outras possíveis. São nossos dedos indicando a experiência realizada em meio aos dedos dos outros sujeitos envolvidos.

O processo

Nos contatos iniciais com os alunos/as registramos algumas dúvidas e curiosidades, tais como: O que é arte? O que não é arte? Pode o alimento ser considerado arte? Questões como estas, comuns em muitos encontros educativos, nos fizeram perceber possibilidades de trabalhar com uma temática que articulasse imagem, arte e alimento. Fizemos algumas visitas e conversas com a turma, antes de iniciarmos a proposta. A reação deles, quando apresentamos nosso projeto, nos motivou a continuar e nos colocou o desafio de organizar as etapas, os recursos, as indagações e a experimentação que levaríamos a cabo durante os encontros que planejamos.

Propusemos, para começar, que os alunos e alunas escrevessem um pequeno texto contando como se relacionavam com a arte e os alimentos. Incentivamos que fizessem um relato curto que descrevesse a visão que tinham sobre a experiência de comer, ou com a comida. Este texto escrito nos auxiliou a conhecer um pouco das ideias e acontecimentos da vida dos alunos em relação às práticas do comer, além de alguns de seus modos de valorizar e contextualizar a comida em suas vidas cotidianas.

Com a intenção de criar um clima de interação e compartilhamento, também escrevemos nossos relatos e fizemos a leitura de trechos deles para os alunos. Colocamos no papel nossa visão e experiência sobre os alimentos, a comida, as práticas de alimentação. Falamos de sentidos que construímos com a comida e do papel que ela representa e/ou representou em nossas trajetórias.

Em seguida, ainda procurando estimular a interação, organizamos uma coletânea de poemas, frases, trechos de livros e revistas, de diversos autores de várias épocas que, através de seus escritos, chamaram a atenção para várias facetas de sentidos sobre este tema. Além disso, os pensamentos coletados e reunidos estimulavam a percepção e reflexão sobre a abrangência do tema em questão, as várias maneiras como podem ser abordados, e sua importância através dos tempos e em diferentes culturas. Esta coletânea, a nosso ver, ajudaria a ampliar o universo de saberes sobre a comida e as práticas do comer e deixaria os alunos/as mais envolvidos com a proposta.

Cada um recebeu sua cópia da coletânea. Discutimos com eles diferentes percepções que a comida e as práticas do comer podem suscitar. Pudemos observar vários significados relacionados ao ato de se alimentar. Dando continuidade, apresentamos um conjunto de imagens de trabalhos artísticos, de diferentes momentos da história, de artistas que representaram ou utilizaram alimentos em seus trabalhos.

A última etapa do projeto foi uma proposta de colagem intitulada “Um banquete aos olhos”. Pensamos na possibilidade de que eles, através das imagens produzidas, pudessem materializar seus pensamentos e sentimentos em relação ao que viemos desenvolvendo até o momento.

Para essa etapa, adotamos a perspectiva da educação da cultura visual. Assim, mais do que se tratar de meramente incluir imagens diversas, tanto de origem “artística” ou dos meios de comunicação, se apropriar da cultura visual para construir este trabalho significou tentar entender a mútua relação entre o que se vê e quem olha, ou seja, entre a experiência social do ver e a experiência de ser visto. Para isso, consideramos o papel central do sujeito que vê e, também, os efeitos e impactos que as imagens podem ter na subjetividade desse mesmo sujeito (HERNÁNDEZ, 2010).

Através dessas imagens, das falas e escrita em relação ao tema proposto, construímos sentidos para a experiência cultural da alimentação, levando em consideração “o papel central das experiências culturais do olhar” (HERNÁNDEZ, 2010, p. 61) e “o espaço que se constrói entre quem vê (a partir de sua consideração de sujeito cultural) e aquilo que se vê (considerado como prática cultural)” (HERNÁNDEZ, 2010, p. 62).

Para a realização da proposta, utilizamos o espaço do ateliê da instituição. Cobrimos uma única mesa, a maior disponível, com papel craft, e ao redor dela reunimos as alunas e alunos, criando um ambiente mais próximo e sugestivo daquele que poderia ser vinculado a um lugar para um banquete. Disponibilizamos os materiais para a execução do trabalho de colagem em outra mesa menor, ao lado.

Reunimos diferentes materiais (revistas, jornais, tecidos, miçangas, barbantes, papéis, lantejoulas, entre outros) que ofereceriam oportunidades variadas de combinações e montagens para a realização da proposta. Solicitamos que cada aluno e aluna criasse seu espaço à mesa utilizando o material disponível. Em seguida, cada um comentaria sobre seu trabalho e, se desejasse, comentaria também sobre o trabalho de um colega. Segue um registro visual do processo de confecção da proposta: (Figura 1)



Figura 01: Processo de confecção de “Um banquete aos olhos”

Memórias de práticas de alimentar revisitadas através de situações, lugares e pessoas

Em meio a uma infinidade de temas presentes nas imagens, falas e escrita dos alunos, decidimos nos focar em um especificamente: em questões relativas à memória. Segundo Kessel (2011), o conceito de memória “vem se modificando e se adequando às funções, às utilizações sociais e à sua importância nas diferentes sociedades humanas” (p. 1). A autora explica que “a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado” (p. 2). Entender a memória como “construção” é uma ideia produtiva que procuramos estimular. Nesse sentido, o trabalho com a memória se entrecruza de maneira fecunda com a imaginação, permitindo que alunos e alunas possam articular suas experiências e vivências passadas às práticas de ver no contexto da alimentação no presente.

O ato de se lembrar, no entanto, não é apenas voltar-se para o passado, é preciso haver uma motivação presente que dê sentido às memórias (ROCHA; ECKERT, 2001). Neste caso, a motivação presente foi a proposta que apresentamos para os alunos e alunas, que os levou a organizar e exteriorizar seus momentos de vivências significativas. Essa exteriorização não deve ser vista somente como uma repetição de fatos passados, mas, também, como formas narrativas e imaginativas. Nesse sentido, é preciso compreender o “fenômeno da memória e da duração como fabricações intelectuais, produtos da inteligência humana que se conduz reflexivamente no mundo, ou seja, produtos da imaginação criadora” (ROCHA; ECKERT, 2001, p. 28).

Desse modo, o ato criativo esteve presente tanto na exteriorização das memórias, escrevendo ou criando imagens, quanto no processo de lembrar e selecionar quais memórias seriam expostas, representadas e/ou articuladas nos trabalhos.

O tempo e a sensibilidade para apreciar a comida, através das lembranças que ela ativa, fazem parte de uma configuração de elementos que envolvem sentidos e ações, percepção e imaginação, sonhos e modos de ser. Para refletir sobre este conjunto de relatos de situações passadas que os alunos narraram, recorremos à Oliveira (2010, p. 65), que traz o conceito de sinestesia explicando que a

sinestesia trabalha com as nossas lembranças; e com os sentidos, significados e sentimentos que o uso atualizado dessas lembranças pode nos causar. E pode redirecionar esses significados e sentimentos, rearranjando-os, por meio de interferências nos textos verbais, visuais, sonoros, táteis, olfativos, gustativos ou híbridos...

A sinestesia ativa e coloca em jogo nossas memórias e pode se tornar central na maneira como recordamos e damos sentido às experiências vividas.

Nas falas dos alunos, esta centralidade sinestésica foi evidenciada a partir de inúmeros exemplos. Na situação relatada abaixo, são evocadas lembranças de um lugar, de ações e de pessoas que se integram e compartilham vivências interligadas com a comida:

Eu nasci e fui criada no interior, praticamente... Então, levantava de madrugada, ia pra roça tirar leite; de tardezinha ia pra beira do rio com meu pai pescar... Aí eu associei a receita da moqueca de peixe, não só pela moqueca, mas pelo peixe em si, com ir pra beira do rio pescar um peixe, assar ele, né, esse tipo de coisa assim (Aluna A, comentário em sala de aula, em 31 de maio de 2011).

Neste caso, a aluna guarda e carrega uma lembrança que envolve não somente o objeto: o peixe, como mencionado acima, envolve também um ambiente, uma prática, um encontro. A beira do rio, o pai, a atividade de pescar..., essas memórias se combinam para configurar a experiência de comer uma moqueca. É como se pudéssemos projetar um tipo de “sinestesia ampliada”, que envolve não apenas a articulação de diferentes sentidos, mas a contribuição de percepções aliadas ao espaço e ao tempo – “o interior”, “a tardezinha”, “a beira do rio”.

A memória que o alimento traz a esta aluna não está somente relacionada à satisfação de comer, ela amplia-se para abranger um ritual que é anterior, acompanha e ultrapassa o ato de se alimentar. A comida mexe com os prazeres sensoriais, mas, no caso desta aluna, sua experiência de tardes de pescaria com o pai cria associações que vão além dela ressignificando a experiência de comer uma moqueca de peixe. Tais associações são uma sinestesia, pois o estímulo de um ou dois sentidos (paladar, olfato), aciona os outros para construir uma memória (OLIVEIRA, 2010). Além disso, essa ideia se expande ao abrigar o contexto onde a experiência se dá e o tempo em que ela ocorre. O relato anterior foi feito pela aluna ao comentar a colagem que produziu: (Figura 2)



Figura 02: Colagem da aluna A

A ideia de atualizar lembranças e rearranjar significados e sentimentos como características da experiência sinestésica reforça a compreensão de que esse processo de sinestesia não está apenas presente no passado, pois, ao relembrar os momentos e refletir sobre eles conseguimos vivenciar diferentes maneiras através das quais o passado interfere no presente (ROCHA; ECKERT, 2001). A receita da moqueca de peixe relembra os momentos de prazeres na beira do rio, traz a recordação do pai e de uma comida saudável que estava presente em momentos agradáveis de sua vida. É possível dizer que a imagem que a aluna escolhe, com o título Gastronomia, na parte inferior do trabalho, remete, então, à sua situação atual, ou seja, à opção por fazer o Curso Técnico de Serviço em Alimentação, pois esses momentos satisfatórios e saborosos envolvendo o ato de se alimentar deixaram marcas e, talvez, desejos que agora podem ser conquistados.

Outro exemplo em que a sinestesia é central no relato, reforçando a análise da presença marcante da memória para os participantes desse projeto é o seguinte:

Aquela agradável reunião de família, tirando as palhas do milho verde, risos e contos que alegravam a todos... Hoje em dia não existem mais! Uns ralavam o milho, outros continuavam a limpar o milho, outros tirando o excesso de massa que ficava no sabugo. Após o preparo e a limpeza do local, o cheiro da pamonha cozinhando, por fim a recompensa: todos comendo a pamonha (Narrativa escrita n° 7, em 03 de maio de 2011).

Esta narrativa, carregada de significados e memórias, deixa sobressair visualidades referentes ao milho e ao processo de feitura da pamonha – as palhas, o excesso de massa, o sabugo – e, ainda, destaca sons e cheiros integrados à experiência – risos e contos, o cheiro do cozinhar da pamonha. Além disso, a narrativa revela uma tradição. O processo da fabricação da pamonha com suas etapas que incluem ralar e limpar o milho, fazer a massa e o cozimento, até o passo final do preparo e da comida ganha um sentido quase de celebração, de “recompensa”, como a autora do relato descreve. Esta recompensa não é apenas comer, mas, comer em família. Assim, não apenas a reunião, mas as ações – inclusive de preparar e limpar o local – contribuem para revestir esta memória de afetos e lembranças subjetivas que transformam o ato de comer dando-lhe um sentido ampliado e intenso, profundamente sensorial e social.

Posteriormente a esse momento de recordar e narrar o passado de maneira escrita, a aluna se mostrou apreensiva ao organizar a proposta prática. Finalmente, ela compôs seu trabalho com a colagem de duas imagens. Colocou entre elas uma espiga de milho cuidadosamente elaborada em papel crepom verde

e amarelo de onde surgem estigmas vermelhos como fios de cabelo. A espiga pode ser vista como um elemento simbólico que sugere tradição e ritualidade.



Figura 03: Colagem de aluna B

À esquerda do trabalho há a imagem de uma família - supostamente unida, acompanhada de uma “legenda” onde a aluna escreve “resgate da cultura familiar”. À direita, a aluna cola uma segunda imagem que apresenta uma mulher sentada à frente de um notebook – provavelmente conectada – para a qual a aluna acrescenta outra legenda onde se lê: “solidão tecnológica”.

A imagem por ela criada implementa e intensifica significados de sua narrativa. De um lado, conforme o relato da aluna, “aquela agradável reunião de família...” De outro, a solidão. O milho, que aparece no relato como elo entre os membros da família e o ato de comer, ganha, na colagem, múltiplos sentidos que apontam, a um só tempo, para a união e para a separação, para práticas tradicionais e hábitos contemporâneos, para um fazer manual e para um mundo virtual.

Outro trabalho que exemplifica a centralidade da experiência sinestésica na relação com a comida está abaixo. (Figura 4)



Figura 04: Colagem da aluna C

A narrativa da aluna ao comentar o trabalho reúne, mais uma vez, experiências sensoriais diversificadas, porém, amalgamadas. Ela detalha:

Eu amassei muita uva para fazer vinho... Meu pai fazia vinho no porão da casa com aqueles barris, e ainda tenho aquela sensação que entra assim aquele aroma, aquele cheiro... (Aluna C, comentário em sala de aula, em 31 de maio de 2011)

A uva tem um papel de destaque na imagem criada pela aluna, catalisando várias sensações e recordações. Esta aluna nasceu e cresceu no interior do estado do Paraná, onde havia o costume de se fazer vinhos artesanais. Através da sinestesia (OLIVEIRA, 2010), o aroma de uvas ou vinho é capaz de, mentalmente, transportá-la novamente para aquele lugar e momento. O ambiente do porão, o ato de amassar a uva e o cheiro, persiste no presente (ROCHA; ECKERT, 2001). O mesmo cheiro “rearranjado” no momento atual é uma forma de ligação com o passado. Ele interliga o antes e o agora dessa aluna, marcando afetivamente sua relação não apenas com o pai, mas, com o lugar onde cresceu e as práticas que costumavam fazer em família.

Considerações finais

Ao chegarmos ao final dessa pesquisa, pudemos compreender melhor diversos temas que emergiram das imagens e discursos dos alunos e alunas. Embora uma infinidade de questões pudessem ser objeto de nossa reflexão, nesta investigação escolhemos focar na temática que frequentou de maneira mais intensa as propostas do projeto: a maneira pela qual os alimentos contribuem para reascender e (re)elaborar a memória, demarcando subjetividades, identidades e laços afetivos. Percebemos, através da análise das falas e das imagens, como certas memórias vinculadas às práticas da alimentação continuam vivas e impactam o momento presente, influenciando na construção subjetiva e identitária dos sujeitos.

Deparamo-nos com relatos sobre a modificação dos hábitos alimentares, especialmente nas últimas décadas. São alterações que abarcam planos individuais, mas, que se articulam com uma realidade maior de mudanças no modo produtivo dos alimentos e nos estilos de vida das pessoas. Aos poucos, as reuniões familiares diárias em torno da mesa vão cedendo espaço para refeições rápidas e solitárias; os alimentos em estado mais natural vão sendo substituídos por produtos processados e industrializados. Desse modo, os costumes alimentares experienciados na infância e relatados pelos alunos se diferenciam dos de hoje. São histórias de comidas, sabores, cheiros que os ligam à lembranças de pessoas, de locais e situações específicas.

Destacamos os alimentos como catalisadores de momentos de confraternização social, integração e compartilhamento. Enfocamos, ainda, a relação entre as práticas de alimentação, as manifestações e as demonstrações de afeto seja pelos familiares e/ou por outras pessoas da convivência dos alunos e alunas.

Memória e subjetividade são fatores fundamentais na construção de identidades. Dessa forma, como elementos partícipes das práticas de alimentação, a comida nutre tanto a identidade e a subjetividade desses sujeitos como profissionais, quanto as identidades e subjetividades pessoais e coletivas.

Salientamos que esse é um campo vasto para investigações. Os resultados que aqui apresentamos são um pequeno recorte dentro das possibilidades existentes e se constituem como uma possibilidade de interpretação dos dados, do processo e das interações que ocorreram durante a pesquisa. Retomando as considerações de Shusterman (1992), citado por Aguirre (2011), a experiência relatada não termina em sua culminação, ela sobrevive e tem continuidade mesmo depois do “produto pronto”. Assim, vale ressaltar que o tema não se esgota com nossas palavras. Pelo contrário, fica em aberto para distintas abordagens, novas experiências, outras visões interpretativas e aprofundamento teórico-prático.

Referências

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (orgs.) *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HERNÁNDEZ, Fernando. Como pode a educação da cultura visual contribuir com a educação das artes. In: TEIXEIRA, Edvânia Braz; ASSIS, Henrique Lima (Orgs.). *Educação das artes visuais na perspectiva da cultura visual: conceituações, problematizações e experiências*. Goiânia, 2010, p. 59-86.

KESSEL, Zilda. *Memória e Memória Coletiva*. Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca>> Acesso em: out. de 2011.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. *Sentidos à mesa: saberes além dos sabores*. São Paulo: Edições Rosari, 2010.

PEREIRA, Alexandre Adalberto. *O desenho pedagógico e as posições de sujeito em escola ribeirinha de Macapá*, 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho de; ECKERT, Cornelia. Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.) *Imagem e memória: ensaios em antropologia visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001, p. 19-39.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Desafios e desatinos na formação de professores pesquisadores: entre realidades, necessidades e imaginação. In: FREITAS, Neli Klix; OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e. *Proposições interativas: arte, pesquisa e ensino*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2010, p. 71-87.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e. *Proposições interativas: arte, pesquisa e ensino*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2010, p. 71-87.

WATTS, Alan. *O espírito do zen*. Porto Alegre: L & PM, 2009.

Minicurrículo

Gabriela Silva Domiciano é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais - Universidade Federal de Goiás. Possui Licenciatura em Artes Visuais pela Faculdade de Artes Visuais - Universidade Federal de Goiás